

Adaptação do Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) ao contexto brasileiro e evidências de validade para estudantes universitários

Adaptation of the Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) to the Brazilian context and evidence for university students

Adaptación del Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) al contexto brasileño y evidencias para estudiantes universitarios

Destaques

- A adaptação do PAQ demonstrou alta clareza dos itens e forte concordância entre juízes avaliadores.
- A versão brasileira do PAQ apresentou estrutura de segunda ordem a partir de análise fatorial confirmatória.
- O instrumento mostrou boas evidências de validade e confiabilidade em estudantes universitários brasileiros.

Maria Julia de Melo Amorim Venâncio¹

<https://orcid.org/0009-0009-6185-5516>

Cristiane Faiad de Moura²

<https://orcid.org/0000-0002-8012-8893>

Gabriela Lôbo da Silva³

<https://orcid.org/0009-0001-1915-980X>

Luís Gustavo do Amaral Vinha⁴

<https://orcid.org/0000-0002-7595-850X>

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: mjuliamorim@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: crisfaiaad@gmail.com.

³ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: gabilobo2001@gmail.com.

⁴ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: lgvinha@gmail.com.

Resumo

A alexitimia é um traço que se caracteriza por dificuldades na identificação e descrição dos sentimentos e por um pensamento externamente orientado, configurando-se em um fator de risco transdiagnóstico para psicopatologias. O Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) é uma medida de autorrelato composta de 24 itens e originalmente desenvolvida em inglês, visando a oferecer uma avaliação da alexitimia mais abrangente. Este estudo teve como objetivo realizar a adaptação cultural do PAQ para o português brasileiro e verificar seus parâmetros psicométricos preliminares. O método deste estudo foi estruturado em cinco etapas: obtenção da permissão para adaptação; tradução do instrumento; síntese e avaliação por especialistas; retrotradução e avaliação por especialistas; estudo piloto. O instrumento apresentou boas evidências de validade de conteúdo ($k = 0,73$) e consistência interna ($\alpha = 0,96$). Os participantes do estudo piloto não reportaram dificuldades relacionadas à compreensão dos itens. Foi conduzida, então, coleta de dados com estudantes universitários ($n = 188$), a fim de se fornecerem parâmetros



psicométricos iniciais para a versão brasileira do instrumento. A análise fatorial confirmatória (AFC) sugeriu um modelo de segunda ordem como sendo o que melhor se ajusta aos dados.

Palavras-chave: Tradução. Evidências de validade. Adaptação cultural. Alexitimia.

Abstract

Alexithymia is a trait characterized by difficulties in identifying and describing feelings and by externally oriented thinking, constituting a transdiagnostic risk factor for psychopathologies. The Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) is a 24-item self-report instrument originally developed in English to provide a more comprehensive assessment of alexithymia. This study aimed to culturally adapt the PAQ to Brazilian Portuguese and to verify its preliminary psychometric parameters. The method was structured in five stages: obtaining permission for adaptation; translation of the instrument; synthesis and evaluation by experts; back-translation and evaluation by experts; pilot study. The instrument presented good evidence of content validity ($k = 0.73$) and internal consistency ($\alpha = 0.96$). Participants in the pilot study did not report difficulties regarding to understanding the items. Data collection was then conducted with university students ($n = 188$) to provide initial psychometric parameters for the Brazilian version of the instrument. Confirmatory Factor Analysis (CFA) suggested a second-order model as the one that best fits the data.

Keywords: Translation. Validity evidence. Cultural adaptation. Alexithymia.

Resumen

La alexitimia es un rasgo caracterizado por dificultades para identificar y describir sentimientos y por un pensamiento orientado externamente, constituyendo un factor de riesgo transdiagnóstico para psicopatologías. El Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) es una medida de autoinforme compuesta de 24 ítems desarrollada originalmente en inglés para proporcionar una evaluación más integral de la alexitimia. Este estudio tuvo como objetivo adaptar culturalmente el PAQ al portugués brasileño y verificar sus parámetros psicométricos preliminares. El método de este estudio se estructuró en cinco etapas: obtención de permiso para la adaptación; traducción del instrumento; síntesis y evaluación por expertos; retrotraducción y evaluación por expertos; estudio piloto. El instrumento presentó buena evidencia de validez de contenido ($k = 0,73$) y consistencia interna ($\alpha = 0,96$). Los participantes en el estudio piloto no reportaron dificultades relacionadas con la comprensión de los ítems. Posteriormente, se realizó la recolección de datos con estudiantes universitarios ($n = 188$) para proporcionar parámetros psicométricos iniciales para la versión brasileña del instrumento. El análisis factorial confirmatorio (AFC) sugirió un modelo de segundo orden como el que mejor se ajusta a los datos.

Palabras clave: Traducción. Evidencias de validez. Adaptación cultural. Alexitimia.

1 Introdução

A alexitimia é um traço que impacta a capacidade do indivíduo em identificar e descrever seus estados emocionais e tem sido considerada um fator de risco transdiagnóstico para o desenvolvimento de psicopatologias, incluindo transtornos afetivos e psicossomáticos, considerando-se os prejuízos na regulação emocional (Preece *et al.*, 2022). Ademais, há evidências de que altos escores de alexitimia podem predizer prejuízos no desfecho de

tratamentos psicoterápicos, visto que a dificuldade de verbalizar sentimentos impõe desafios específicos que precisam ser considerados nas intervenções clínicas (Leweke *et al.*, 2009).

A consideração do construto alexitimia pode ser também de suma importância para se compreenderem nuances presentes em condições clínicas do neurodesenvolvimento, como o autismo. Kinnaird *et al.* (2019) conduziram uma revisão sistemática e metanálise para investigar a relação entre alexitimia e autismo. As autoras pontuam, baseando-se nas evidências mais recentes, que as dificuldades no processamento emocional frequentemente descritas como intrínsecas ao autismo podem representar a realidade de um subgrupo específico dentro do espectro: aqueles que apresentam um quadro de alexitimia associado. A alexitimia seria, portanto, uma variável mediadora entre o autismo e as dificuldades no processamento emocional, estando presente em cerca de 50% da população autista (*versus* cerca de 5% da população neurotípica, ou seja, não autista).

Estudos que controlaram as variáveis alexitimia e autismo encontraram que a alexitimia (e não o autismo) atuou como variável preditora de dificuldades de reconhecimento emocional mediante estímulos de expressões faciais, vocais e musicais. Tem sido proposto que tanto o autismo quanto a alexitimia podem estar associados com uma vulnerabilidade genética para uma conectividade cerebral atípica, e é importante levar em consideração a presença de subgrupos dentro do espectro a fim de desenhar melhores modelos de intervenção e atenção a essa população (Kinnaird *et al.*, 2019).

Em termos de operação conceitual, para se compreender a evolução da compreensão do construto alexitimia, faz-se necessário traçar uma breve contextualização histórica. Inicialmente, a alexitimia foi estudada a partir do viés psicanalítico e esteve associada a três fatores principais: a) um bloqueio que dificultava a correta expressão da linguagem para definir sentimentos e diferenciá-los das sensações corporais; b) baixo grau de imaginação e de expressões fantasiadas da realidade; e c) estilo cognitivo utilitário e concreto, com pensamento orientado para o externo (Nemiah; Sifneos, 1970).

Atualmente, conforme Preece *et al.* (2020a), a alexitimia é compreendida enquanto um traço multidimensional composto das seguintes dimensões: dificuldade em identificar os próprios sentimentos (DIF), dificuldade em descrever os sentimentos (DDF) e pensamento externamente orientado (EOT). Quanto ao baixo grau de imaginação e de expressões fantasiadas da realidade, são dimensões presentes na teoria de Nemiah e Sifneos (1970), embora

não se tenham evidências que suportem sua inclusão no modelo atual de compreensão da alexitimia.

Em um estudo recente conduzido por Preece e Gross (2023), 554 participantes foram submetidos a uma bateria abrangente de medidas psicométricas de alexitimia e processos imaginativos, avaliando-se a frequência, a vivacidade e o conteúdo de devaneios ou fantasias (*daydreaming*). Por meio da análise fatorial, os autores concluíram que nenhum dos aspectos de imaginação carregou no mesmo fator (ou seja, o traço latente de alexitimia) que as facetas estabelecidas e já citadas de DIF, DDF e EOT da alexitimia. Os padrões de correlações de Pearson não corroboram a teoria psicanalítica, uma vez que a alexitimia esteve associada a devaneios mais (e não menos) frequentes, com padrões de mais devaneios caracterizados por emoções negativas e fantasias de realização de desejos, e mais uso de devaneios como estratégia de regulação emocional. Esses achados ratificam o modelo de atenção-avaliação da alexitimia (*attention-appraisal model of alexithymia*), o qual é pautado na compreensão da alexitimia enquanto déficits no processamento emocional.

O modelo de atenção-avaliação da alexitimia fornece sustentação teórica para os fatores DIF, DDF e EOT, os quais serão detalhadamente apresentados a seguir. Esses fatores são conceituados dentro de um sistema de valoração, o qual é composto de uma sequência de quatro estágios: situação, atenção, avaliação e resposta, por meio dos quais uma pessoa avalia e atribui valor ao significado de um estímulo (Gross, 2015). Para exemplificar, pode-se pensar na seguinte sequência: 1) uma resposta emocional se torna o estímulo alvo de valoração (estágio da atenção), 2) o indivíduo avalia a resposta emocional em termos do seu significado (estágio da avaliação) e 3) com base nessa avaliação, pode ativar um objetivo para tentar modificar a emoção (estágio de resposta, ou seja, regulação emocional).

A partir desse modelo, pode-se conceituar o fator EOT como uma dificuldade no estágio da atenção desse sistema de valoração, e os fatores DIF e DDF, como dificuldades no estágio de avaliação. Em termos mais práticos, isso significa que, diante de uma resposta emocional, pessoas com altos níveis de alexitimia têm dificuldade em focar sua atenção nela e avaliá-la com precisão (Preece *et al.*, 2018). Percebe-se, pois, que, mesmo que o fator EOT, presente no modelo psicanalítico inicial de compreensão da alexitimia, tenha sido mantido no modelo atual, há uma mudança na forma de concebê-lo: sugere-se que pessoas alexitímicas não focam excessivamente os estímulos externos, e, na realidade, não direcionam adequadamente sua atenção para suas emoções. Desse modo – por se tratar de déficits específicos no processo de

valoração emocional –, DIF, DDF e EOT são considerados componentes de um construto latente comum (Preece *et al.*, 2017).

O instrumento tradicionalmente mais utilizado no mundo para avaliação da alexitimia é a Toronto Alexithymia Scale (TAS-20), de Bagby *et al.* (1994). No estudo mais recente de validação da TAS-20 para uma amostra brasileira, não foi possível determinar evidências satisfatórias de validade convergente e discriminante para todos os fatores, enfatizando-se a importância de se adotar o escore geral do instrumento para a análise (Santos *et al.*, 2022). Desse modo, urge a necessidade de disponibilidade, para uso no Brasil, de ferramentas mais sensíveis no que tange à avaliação da alexitimia. Apesar de a TAS-20 ser a escala mais largamente utilizada, nas últimas duas décadas, pesquisadores têm levantado a hipótese de que ela acessa mais os níveis de estresse psicológico do que propriamente de alexitimia.

Preece *et al.* (2020b) conduziram um estudo a fim de explorar essa possibilidade, administrando uma medida de estresse psicológico associada a três medidas de alexitimia: TAS-20, Perth Alexithymia Questionnaire (PAQ) e Bermond-Vorst Alexithymia Questionnaire (BVAQ). Em cada amostra, os pesquisadores conduziram uma análise fatorial exploratória de segunda ordem para testar se as subescalas de alexitimia constituíam um fator separado das subescalas de sofrimento emocional. Todas as subescalas do PAQ e do BVAQ demonstraram boa validade discriminante em relação ao fator de sofrimento emocional. Em contraste, a subescala de dificuldades na identificação de sentimentos da TAS-20 consistentemente apresentou cargas cruzadas no fator de sofrimento emocional, indicando que grande parte de sua variância refletia os níveis atuais de sofrimento, e não a alexitimia. Isso pode limitar a utilidade da TAS-20, e os resultados de estudos que utilizam essa medida precisam ser interpretados a partir dessa consideração. O PAQ e o BVAQ, por sua vez, parecem ser medidas de autorrelato adequadas para medir a alexitimia como um construto separável do sofrimento emocional.

O PAQ foi desenvolvido a partir da definição de alexitimia enquanto uma característica que engloba a habilidade das pessoas de focar a atenção e avaliar com precisão suas próprias emoções. Os autores avaliaram que as medidas até então existentes de alexitimia não eram efetivas em avaliar de forma abrangente o construto no que tange às emoções positivas e negativas. Tal afirmação encontra-se em consonância com a tendência atual no campo da avaliação de construtos emocionais de se considerar a valência, ou seja, acessar construtos por meio tanto das emoções positivas quanto das negativas (Preece *et al.*, 2018).

Já foram realizadas algumas adaptações transculturais do PAQ, com versões publicadas de países como Turquia (Bilge; Bilge, 2020), Irã (Mousavi *et al.*, 2020, Lashkari *et al.*, 2021), Espanha (Becerra *et al.*, 2021) e Polônia (Larionow *et al.*, 2022). Os estudos nesses países têm corroborado a estrutura de cinco fatores proposta pelo instrumento original e todas as subescalas e o escore total mostraram bons índices de consistência interna e confiabilidade, contudo os autores do PAQ (Peerce *et al.*, 2018) sugerem que pesquisas futuras utilizem o instrumento para aprimorar a compreensão teórica do construto da alexitimia e a sua relação com outras variáveis. Ademais, pontuam a relevância de pesquisas que venham a utilizar o instrumento com populações clínicas.

Os objetivos do presente estudo foram introduzir e fornecer evidências de validade para uma versão brasileira do PAQ, bem como avaliar suas propriedades psicométricas iniciais em uma amostra de alunos universitários. A partir da literatura, postulou-se a hipótese de que o modelo de cinco fatores seria o que melhor se ajustaria aos dados.

No contexto universitário, índices mais altos de alexitimia parecem prever menos resiliência e maior suscetibilidade ao estresse, culminando em desfechos como ansiedade e uso abusivo de álcool. Esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de a resiliência envolver suporte social e capacidade de regular emoções, ao passo que indivíduos com traços de alexitimia mais significativos tendem a sofrer com dificuldades sociais e interpessoais (Lyvers *et al.*, 2020). Para compreender problemáticas como o abuso de álcool e substâncias na população universitária, deve-se, portanto, ter especial atenção aos aspectos de processamento e regulação emocional (Alpay *et al.*, 2024).

Os comportamentos de uso excessivo de álcool compartilham características importantes com outros comportamentos de risco, como os autolesivos, uma vez que ambos são mecanismos desadaptativos com função de regulação emocional (Greene *et al.*, 2020). Uma metanálise conduzida por Norman *et al.* (2020) se baseou em 23 estudos e encontrou relação positiva e significativa entre comportamentos autolesivos e alexitimia, com tamanho de efeito médio ($g = 0.57$, IC95% 0,46-0,69). Indivíduos com maiores níveis de alexitimia tendem a apresentar ainda maior risco de suicídio (Hemming *et al.*, 2019).

A alexitimia também pode ser considerada uma variável preditora de vícios comportamentais, como dependência de jogos e de internet (Li *et al.*, 2021; Luo *et al.*, 2022). Ela tem sido incluída em modelos que buscam investigar fenômenos diversos que afetam diretamente a vida da população universitária, incluindo jogo patológico e experiências

psicóticas, para os quais os jovens são menos propensos a pedir ajuda. Fekih-Romdhane *et al.* (2024) estabeleceram a alexitimia como uma possível variável moderadora da relação entre jogo patológico e experiências psicóticas.

O PAQ tem sido utilizado para investigar questões com importantes desdobramentos para a área clínica. Sethi (2024) pesquisou em que medida a alexitimia (junto com a ruminação) transformam tendências de autocrítico em comportamentos de autossabotagem em uma amostra de jovens adultos. Os resultados indicaram que tendências de autoódio estavam correlacionadas com as dificuldades de identificar emoções. A DIF também foi capaz de prever comportamento autodestrutivo. Desse modo, a alexitimia pode ser uma variável importante a ser incluída também em intervenções que busquem trabalhar tendências de autocrítico.

Sabe-se que as pessoas apresentam diferentes padrões no que tange ao traço de alexitimia, com dificuldades para processar emoções negativas, positivas ou ambas (Preece *et al.*, 2024). Assim, a utilização do PAQ com o público universitário brasileiro pode oferecer importantes subsídios para o delineamento de intervenções no campo socioemocional.

2 Método

Os procedimentos utilizados para a adaptação transcultural do PAQ seguiram as recomendações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) e da International Test Commission (ITC, 2017). O método do presente estudo está dividido em duas etapas. Na primeira, serão apresentados os participantes e procedimentos do estudo de adaptação transcultural do instrumento em suas fases. Na segunda etapa, serão descritos os procedimentos envolvidos nos estudos de evidência de validade.

2.1 Estudo 1 – Processo de adaptação transcultural da escala

Após obter autorização do autor da escala original para tradução e adaptação, foram seguidas as etapas tradicionalmente indicadas pela literatura, conforme preconizado por Borsa, Damásio e Bandeira (2012): (1) tradução do instrumento da língua de origem para a língua alvo; (2) síntese das versões traduzidas; (3) análise da versão sintetizada por juízes especialistas; (4) tradução reversa; (5) estudo piloto. Foram observadas, ainda, as sugestões oferecidas por Borsa,

Damásio e Bandeira (2012): a avaliação dos itens pela população alvo e a discussão com o autor original do instrumento acerca das alterações propostas na versão adaptada. Cada etapa será descrita a seguir.

2.1.1 Obtenção da permissão para adaptação

O processo de adaptação transcultural da Perth Alexithymia Scale foi iniciado somente após a autorização via e-mail do primeiro autor do instrumento original (Preece *et al.*, 2018), o qual autor permitiu a adaptação e se colocou à disposição para colaborar no processo.

2.1.2 Tradução do instrumento

Foram conduzidas duas traduções independentes da versão original em inglês da Perth Alexithymia Scale para o português brasileiro. Os dois tradutores eram bilíngues, sendo um psicólogo nativo brasileiro com proficiência em língua inglesa e conhecimento técnico na área de psicometria e a outra tradutora, uma brasileira especialista em estudos da tradução e sem conhecimento técnico do vocabulário da área investigada.

2.1.3 Síntese e avaliação por especialistas

A síntese das traduções foi realizada por duas psicólogas, uma das quais tinha *expertise* na área de construção e adaptação de medidas psicológicas. Aspectos como equivalência semântica, idiomática e conceitual foram levados em consideração. Buscou-se adotar uma linguagem mais simples, ampliando as possibilidades de compreensão para o maior grupo populacional possível. A versão unificada foi avaliada por três juízes especialistas com experiência na área de construção e adaptação de medidas psicológicas, e o instrumento de análise de juízes avaliava pertinência, clareza de linguagem, relevância teórica e dimensão teórica (havia também um espaço para os juízes oferecerem sugestões). Assim, foram calculados os coeficientes de validade de conteúdo (CVC) a partir do método de Hernández-Nieto (2002).

A versão final da escala em português, após a realização das modificações sugeridas pelos especialistas, foi traduzida para o inglês por tradutor bilíngue com proficiência em português e inglês, residente de países de língua inglesa, considerando-se a importância da

imersão cultural. Procedeu-se à comparação da versão original do instrumento por outro especialista com experiência em construção e adaptação de medidas psicológicas, o qual não havia participado das etapas anteriores da adaptação. Essa versão também foi avaliada pelas autoras do presente estudo. A versão final foi enviada a três juízes especialistas para que avaliassem aspectos como a compreensão dos itens e a adequação à faceta proposta – a partir disso, calculou-se o índice de concordância entre juízes.

A avaliação por juízes indicou alta clareza dos itens, com CVC por item variando entre 0,93 e 1. O CVC geral da escala foi de 0,997, demonstrando excelente concordância quanto à compreensão dos itens. Para avaliar a concordância entre os juízes na atribuição dos itens aos fatores, foi calculado o *kappa* de Fleiss. O valor obtido foi 0,729, indicando um nível substancial de concordância entre os avaliadores ($z = 11,7$; $p < 0,001$) e reforçando a adequação da categorização dos itens à estrutura proposta.

2.1.4 Estudo piloto

A fim de avaliar a clareza do formato de apresentação e da linguagem do instrumento, também foi elaborado um questionário para avaliação da *Perth Alexithymia Scale* pelos participantes do estudo piloto, composto de duas questões quantitativas e duas qualitativas. As primeiras avaliavam o entendimento das instruções e o tamanho da letra e foram mensuradas por meio de uma escala Likert de 4 pontos, em que 0 representava nada compreensível e 4, totalmente compreensível. As questões qualitativas foram relacionadas à clareza dos itens e do conteúdo: 1. Alguma palavra não ficou clara para você? Qual? Tem alguma sugestão? 2. Alguma questão não ficou clara? Qual? O que não ficou claro? Tem alguma sugestão?

O estudo piloto contou com 10 participantes, todos autistas, sendo cinco mulheres e cinco homens, com idades variando entre 26 e 43 anos ($M = 34,5$; $DP = 5,4$). Optou-se por realizar esta etapa com participantes autistas devido à prevalência de alexitimia nesse público (Kinnaird *et al.*, 2019), o qual tende a ter um estilo de interpretação mais literal. Tal característica pode impactar a interpretação dos itens dos instrumentos e ocasionar DIF caso a construção e/ou a adaptação dos instrumentos psicológicos não a levem em consideração (Williams *et al.*, 2021). De acordo com os princípios da testagem universal (TU), a qual, por sua vez, baseia-se na perspectiva do desenho universal (DU), os testes devem ser adaptados de modo que favoreçam a equidade para o maior número de grupos possível (Oliveira *et al.*, 2013).

A partir do estudo-piloto, considerou-se que o instrumento estava adequado para o início da coleta de dados.

2.2 Estudo 2 – Evidências de validade

O objetivo do estudo 2 foi fornecer evidências de validade, no que tange à estrutura interna e à fidedignidade, para o instrumento adaptado. De forma complementar às etapas de adaptação do instrumento, foram conduzidas análises estatísticas para avaliar em que medida o instrumento de fato é válido para o contexto adaptado. O primeiro passo para a validação de um instrumento é a avaliação de sua estrutura fatorial (Borsa; Damásio; Bandeira, 2012).

Em um primeiro momento, foram conduzidas análises fatoriais confirmatórias (AFCs), a fim de observar se a estrutura fatorial original do instrumento seria mantida na amostra oriunda da população brasileira. Após a avaliação da estrutura fatorial do instrumento, foi feita análise de invariância, cuja finalidade foi avaliar se a estrutura fatorial do modelo é equivalente entre os grupos de graduação e pós-graduação. Foram conduzidas, ainda, análises de consistência interna interitens e avaliação da precisão (confiabilidade e fidedignidade).

2.2.1 Análise de dados

As análises foram realizadas com o R versão 4.3.1. Foram conduzidas análise fatorial confirmatória (AFC) e análise de invariância. O estimador utilizado foi de máxima verossimilhança robusta (MLR), uma vez que a escala dos itens variava de 1 a 7 e as medidas de assimetria (0,41) e curtose (2,45) indicaram a razoabilidade de se assumir a normalidade dos dados. Os índices de ajuste foram analisados a partir do índice de ajuste comparativo ($CFI > 0,90$), raiz do erro quadrático médio de aproximação ($RMSEA < 0,05$) e raiz do erro quadrático médio padronizado ($SRMR < 0,08$), conforme Brown (2015).

Para a análise de invariância do instrumento, a invariância das medidas foi testada na seguinte ordem: configural, métrica e escala, para comparar o modelo mais restrito ao menos restrito. Esses modelos foram avaliados com base nos índices de ajuste do CFI e RMSEA, conforme recomendado por Luong e Flake (2023). A invariância da medida foi investigada com base nas diferenças dos valores de CFI e RMSEA entre os modelos, ou seja, quando ΔCFI inferior a 0,01 ($\Delta CFI < 0,01$) e $\Delta RMSEA$ inferior a 0,015 ($\Delta RMSEA < 0,015$).

2.2.2 Desenho dos estudos

O delineamento da pesquisa é transversal e a coleta de dados foi *on-line*, tendo os participantes respondido a questionários de autorrelato.

2.2.3 Participantes

A amostra foi não probabilística, por conveniência, composta de pessoas de qualquer gênero e idade, desde que maiores de 18 anos. No total, participaram do estudo 188 estudantes, sendo 67% da graduação e 33% da pós-graduação. A maioria dos participantes se identificou como mulheres cis (83%), seguidas por homens cis (12,8%), enquanto os demais se identificaram como mulheres trans, homens trans, não binários ou outros. As faixas etárias dos respondentes foram variadas e distribuídas em oito intervalos: 64,4% tinham entre 18 e 25 anos; 7,45%, entre 26 e 30 anos; 3,19%, entre 31 e 35 anos; 10,1%, entre 41 e 50 anos; 6,91%, entre 51 e 60 anos; 2,13%, entre 61 e 70 anos; e 0,53% tinham mais de 71 anos.

2.2.4 Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos e de saúde elaborado pelos autores: esse questionário contemplou variáveis relacionadas a idade, gênero, estado civil, escolaridade, raça, nível socioeconômico, saúde mental e cidade de residência. As categorias eram fixadas e o candidato deveria marcar a que melhor se adequasse a si. Para as categorias de gênero e orientação sexual, o participante poderia marcar “outros” e escrever sua resposta, além das previamente estabelecidas (as quais buscaram incluir o máximo de termos possível).

Perth Alexythymia Questionnaire (Preece *et al.*, 2018): foi desenvolvido enquanto uma nova medida de autorrelato, com 24 itens, a ser respondida em uma escala Likert de 1 a 7. Análises fatoriais confirmatórias em uma amostra de 231 adultos sugeriram que o PAQ continha uma estrutura de fatores consistente com a base teórica, medindo separadamente todos os componentes do construto. Todas as pontuações das subescalas e compostas apresentaram alta confiabilidade de consistência interna. Um estudo com amostra maior ($n = 748$) replicou esses achados em relação à estrutura fatorial do PAQ e à confiabilidade de consistência interna. Comparações estatísticas com medidas de psicopatologia e regulação emocional apoiaram a validade concorrente e discriminante do PAQ, configurando-o, portanto, como um instrumento com fortes propriedades psicométricas como medida de alexitimia. O PAQ acessa as já citadas

dimensões de DIF, DDF e EOT da alexitimia, ao passo que traz uma inovação importante ao dividir a DIF e a DFF em subescalas de valência de emoções (positivas e negativas). O PAQ tem cinco subescalas: (1) dificuldade em identificar sentimentos negativos (N-DIF), com quatro itens, (2) dificuldade em identificar sentimentos positivos (P-DIF), com quatro itens, (3) dificuldade em descrever sentimentos negativos (N-DDF), com quatro itens, (4) dificuldade em descrever sentimentos positivos (P-DDF), com quatro itens e (5) pensamento geralmente orientado para o exterior (G-EOT), com oito itens. Essas cinco subescalas podem também ser combinadas em escores compostos, incluindo um escore total da escala que acessa o nível geral de alexitimia do sujeito.

3 Resultados

3.1 Evidências de validade do modelo

O modelo utilizado segue a estrutura teórica proposta pelo autor da escala, com base no modelo cognitivo de compreensão da alexitimia. Esse modelo é composto de cinco dimensões específicas (N-DIF, P-DIF, N-DDF, P-DDF e G-EOT), organizadas sob um fator geral de alexitimia estruturado como um modelo de segunda ordem.

De acordo com a Tabela 1, percebe-se que os índices de ajuste do modelo cognitivo de compreensão da alexitimia indicaram um ajuste razoável dos dados. O CFI foi de 0,909, valor considerado bom, pois está acima do ponto de corte mínimo frequentemente aceito ($\geq 0,90$). O SRMR foi de 0,089, levemente acima do ponto de corte recomendado ($< 0,08$), mas ainda dentro de uma faixa considerada tolerável. O RMSEA de 0,089, contudo, obteve um valor considerado elevado, indicando possíveis limitações no ajuste do modelo à estrutura de covariância dos dados. Em conjunto, os resultados sugerem que o modelo apresenta um ajuste aceitável.

Tabela 1 – Índices de ajuste do modelo cognitivo de compreensão de alexitimia.

CFI	RMSEA	SRMR
0,909	0,089	0,089

Fonte: Autores.

Com base na análise do alfa de Cronbach para a escala completa, foi obtido um valor de 0,96, indicando uma excelente consistência interna entre os itens. Além disso, a análise da confiabilidade, ao excluir cada item, mostrou que o alfa de Cronbach permanece praticamente inalterado, o que demonstra que nenhum item específico está comprometendo a homogeneidade da escala. Valores altos do alfa de Cronbach podem, no entanto, sugerir redundância dos itens, indicando que alguns podem estar excessivamente correlacionados.

Os altos valores de alfa de Cronbach justificam-se pela forte intercorrelação entre as dimensões da escala, conforme evidenciado na Tabela 2. As correlações elevadas entre os fatores mostra que há uma grande sobreposição entre eles, o que sugere a influência de um fator geral de alexitimia. Esse padrão é coerente com a estrutura teórica do modelo de segunda ordem, no qual as dimensões específicas são reflexos de um único construto latente superior.

Tabela 2 –Correlação entre os itens do PAQ-versão brasileira.

	N-DIF	P-DIF	N-DDF	P-DDF	G-EOT	GEN ALEXI
N-DIF	1,000	0,867	0,788	0,886	0,751	0,915
P-DIF	0,867	1,000	0,816	0,918	0,778	0,948
N-DDF	0,788	0,816	1,000	0,834	0,707	0,861
P-DDF	0,886	0,918	0,834	1,000	0,795	0,969
G-EOT	0,751	0,778	0,707	0,795	1,000	0,821
GEN ALEXI	0,915	0,948	0,861	0,969	0,821	1,000

Fonte: Autores.

Ao analisar as cargas fatoriais da Tabela 3, verifica-se que os itens apresentam boas associações com seus respectivos fatores latentes, sugerindo que o modelo conta com uma estrutura fatorial bem definida. A maioria das cargas fatoriais está acima de 0,70, o que denota que os itens contribuem significativamente para medir o construto. Em particular, os fatores N-DIF, P-DIF, N-DDF e P-DDF apresentaram cargas fatoriais elevadas, variando entre 0,780 e 0,955, reforçando a adequação dos itens para representar essas dimensões. Além disso, o fator G-EOT apresentou cargas majoritariamente altas, embora dois itens (15 e 21) tenham exibido valores mais baixos (0,674 e 0,631, respectivamente), os quais ainda se encontram dentro de um intervalo aceitável.

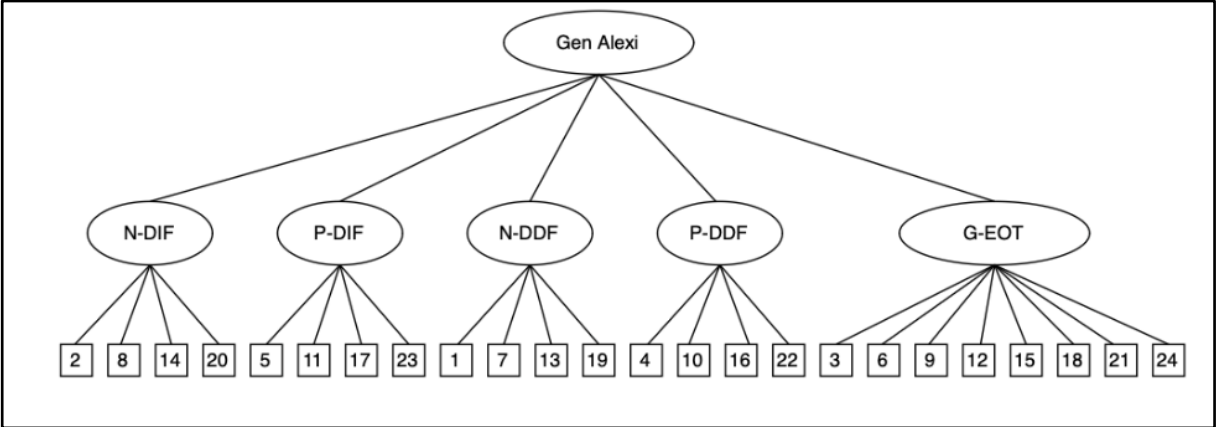
Sobre a estrutura de segunda ordem, representada por GEN-ALEXI, observaram-se cargas fatoriais altas, variando entre 0,821 e 0,969, o que indica que os cinco fatores primários contribuem fortemente para a dimensão geral da alexitimia.

Tabela 3 – Cargas fatoriais padronizadas dos itens da PAQ-versão brasileira.

Fatores/Itens	Carga fatorial
N-DIF	
2- Quando eu me sinto mal, é difícil dizer se estou triste, com raiva ou com medo.	0,819
8- Quando eu me sinto mal, é difícil para mim compreender esses sentimentos.	0,855
14- Quando eu me sinto mal, fico confuso(a) sobre qual emoção estou sentindo.	0,895
20- Quando estou me sentindo mal, é difícil para mim decifrar esses sentimentos.	0,936
P-DIF	
5- Quando eu me sinto bem, é difícil dizer se estou feliz, animado(a) ou me divertindo.	0,780
11- Quando eu me sinto bem, é difícil para mim compreender esses sentimentos.	0,862
17- Quando eu me sinto bem, fico confuso(a) sobre qual emoção estou sentindo.	0,925
23- Quando estou me sentindo bem, é difícil para mim decifrar esses sentimentos.	0,950
N-DDF	
1- Quando eu me sinto mal, tenho dificuldade para encontrar as palavras certas para descrever esses sentimentos.	0,857
7- Quando eu me sinto mal, é difícil falar sobre estes sentimentos com profundidade ou de forma detalhada.	0,815
13- Quando algo de ruim acontece, é difícil para mim expressar em palavras como estou me sentindo.	0,877
19- Quando estou me sentindo mal, é difícil para mim descrever como estou me sentindo.	0,955
P-DDF	
4- Quando eu me sinto bem, tenho dificuldade para encontrar as palavras certas para descrever esses sentimentos.	0,815
10- Quando eu me sinto bem, é difícil falar sobre esses sentimentos com profundidade ou de forma detalhada.	0,839
16- Quando algo de bom acontece, é difícil para mim expressar em palavras como estou me sentindo.	0,912
22- Quando estou me sentindo bem, é difícil para mim descrever como estou me sentindo.	0,939
G-EOT	
3- Eu costumo ignorar as emoções que estou sentindo.	0,808
6- Prefiro deixar meus sentimentos acontecerem em segundo plano, em vez de me focar neles.	0,717
9- Eu não costumo prestar atenção nas minhas emoções.	0,829
12- Geralmente, eu evito pensar no que estou sentindo.	0,892
15- Eu prefiro me concentrar em coisas práticas, ao invés de me concentrar nas minhas emoções.	0,674
18- Eu tento não lidar/estar em contato com as minhas emoções.	0,861
21- Saber o que eu estou sentindo não é importante para mim.	0,631
24- É estranho para mim pensar sobre as minhas emoções.	0,920
GEN_ALEXI	
N-DIF: Dificuldade em identificar sentimentos negativos.	0,915
P-DIF: Dificuldade em identificar sentimentos positivos.	0,948
N-DDF: Dificuldade em descrever sentimentos negativos.	0,861
P-DDF: Dificuldade em descrever sentimentos positivos.	0,969
G-EOT: Pensamento geralmente orientado para o exterior.	0,821

Fonte: Autores.

Figura 1 – Estrutura do modelo de compreensão de alexitimia.



Fonte: Autores.

3.2 Análise de invariância

Para avaliar se a estrutura fatorial do modelo era equivalente entre os grupos de graduação e pós-graduação, foi realizada análise de invariância. Os resultados demonstraram que o modelo apresentou invariância configural, métrica e escalar entre os grupos, conforme os critérios estabelecidos por Luong e Flake (2022). As variações nos índices de ajuste entre os modelos foram pequenas, indicando que tanto as cargas fatoriais quanto os interceptos dos itens podem ser considerados invariantes. Apesar de os índices de ajuste não serem ideais ($CFI < 0,90$ e $RMSEA > 0,10$), as evidências sugerem que a estrutura fatorial é replicável entre os grupos analisados, o que sustenta a validade do instrumento para comparações entre graduandos e pós-graduandos.

Tabela 4 – Medidas de ajuste da análise de invariância.

Invariância	RMSEA	CFI
Configural	0,109	0,868
Métrica	0,106	0,869
Escalar	0,106	0,867

Fonte: Autores.

4 Discussão

Para além do desempenho acadêmico, os sistemas educacionais devem se voltar à promoção de competências emocionais, cognitivas e comportamentais que contribuam para um desenvolvimento saudável ao longo de todos os ciclos de vida, incluindo o contexto universitário na vida adulta (Damásio, 2017). Noronha e Batista (2020) enfatizam a necessidade de criação de programas de suporte emocional e psicológico para estudantes do Ensino Superior, dada a prevalência de sintomas ansiosos, depressivos, dificuldades relacionais e ideação suicida nessa população. As autoras explicitam a importância de se desenvolverem os fatores de proteção em relação ao adoecimento psíquico entre universitários, tais como as competências socioemocionais.

No Brasil, há escassez de medidas capazes de oferecer um diagnóstico de competências socioemocionais voltadas para o público universitário. A fim de subsidiar a criação de programas que enfoquem o desenvolvimento de competências socioemocionais para estudantes, Souza *et al.* (2021) propuseram um novo instrumento, composto dos seguintes fatores: autoconsciência emocional, autogerenciamento das emoções, perseverança, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisões responsável. Uma vez que a alexitimia pode impactar severamente a capacidade de autorregulação e de outras variáveis relacionadas ao processamento emocional (Fekih-Romdhane *et al.*, 2024), devem-se empregar esforços para compreender os perfis de alexitimia na população universitária e desenvolver intervenções que considerem essa variável.

Embora a população universitária esteja submetida a fatores de risco para o adoecimento psíquico, como níveis elevados de exigência, não se deve naturalizar o sofrimento psicológico como inevitável, sendo necessário contextualizar variáveis ambientais e clínicas que anteriormente eram subestimadas, como a alexitimia (Franzoi *et al.*, 2020). A avaliação da alexitimia nos contextos de educação também pode atuar em sentido preventivo, uma vez que há sólida relação entre esse construto e o risco de suicídio, ao qual a população universitária está vulnerável (Daghig, 2024).

Os resultados obtidos sustentam a concepção contemporânea da alexitimia enquanto déficit nos processos atencionais e de avaliação emocional (Preece *et al.*, 2018; Gross, 2015). As cargas fatorias elevadas dos fatores DIF e DDF, tanto para emoções negativas quanto positivas, reforçam a hipótese de comprometimentos no estágio de avaliação do modelo de

valoração emocional, enquanto as cargas sólidas do fator G-EOT refletem dificuldades na alocação inicial de atenção sobre os estados afetivos.

A magnitude das intercorrelações observadas entre os fatores (especialmente P-DIF e P-DDF com $r = 0,918$ e $0,969$ em relação ao fator geral) pode refletir uma sobreposição conceitual considerável entre as dificuldades de identificação e descrição de emoções, como já sugerido por Preece *et al.* (2020b). Embora altos índices de consistência interna sugiram redundância de itens, o formato multidimensional do PAQ e sua diferenciação por valência emocional justificam a manutenção das subescalas, dado o suporte empírico para sua estrutura de segunda ordem.

Embora o RMSEA tenha sido de 0,089, ligeiramente acima do ponto de corte clássico de 0,08, a literatura aponta que esse índice pode ser inflacionado em modelos complexos e em amostras de tamanho pequeno ou moderado (Kenny *et al.*, 2015). Os demais índices (CFI = 0,909; SRMR = 0,089) indicam ajuste razoável, sustentando a adequação geral da estrutura fatorial proposta. Ressalta-se que uma limitação do presente estudo foi o tamanho pequeno da amostra ($n = 188$).

Tendo em vista a prevalência de dificuldades emocionais em universitários (Noronha; Batista, 2020; Franzoi *et al.*, 2020), a avaliação sistemática da alexitimia é capaz de auxiliar tanto na triagem de risco para adoecimento psíquico quanto na formulação de programas preventivos de intervenção socioemocional. O PAQ surge, portanto, como uma ferramenta particularmente útil para captar perfis emocionais que impactam adaptação acadêmica, uso de substâncias (Lyvers *et al.*, 2020; Alpay *et al.*, 2024), comportamentos autolesivos (Norman *et al.*, 2020) e ideação suicida (Hemming *et al.*, 2019).

5 Conclusão

Os resultados deste estudo fornecem evidências iniciais de validade para a versão brasileira do PAQ, confirmando sua estrutura fatorial e sua consistência interna em uma amostra de estudantes universitários. A análise fatorial confirmatória indicou que a estrutura de cinco fatores originalmente proposta foi replicada com bons índices de ajuste, reforçando a adequação da medida para avaliar a alexitimia nesse contexto. A presença de um fator de segunda ordem, denominado GEN-ALEXI, também apresentou suporte empírico, sugerindo que os fatores primários contribuem para um traço latente geral de alexitimia.

As cargas fatoriais elevadas dos itens demonstram que os indicadores medem com precisão seus respectivos construtos. Além disso, a análise de invariância fatorial confirmou que a estrutura do instrumento é equivalente entre estudantes de graduação e pós-graduação, permitindo comparabilidade entre esses grupos.

A confiabilidade da escala foi avaliada por meio do coeficiente alfa de Cronbach, indicando valores adequados para os fatores e para o escore geral. Esses achados reforçam a estabilidade interna da versão brasileira do PAQ e sua adequação para uso na pesquisa psicológica e educacional. Em termos práticos, a adaptação do PAQ para o Brasil abre possibilidades para investigações futuras sobre a relação entre alexitimia e diversas variáveis psicológicas, incluindo sofrimento psíquico, regulação emocional, condições do neurodesenvolvimento e psicopatologias. O instrumento também pode ser útil para aplicações clínicas e educacionais, auxiliando na compreensão da expressão emocional em diferentes populações.

Embora as evidências de validade apresentadas sejam promissoras, estudos futuros devem expandir a amostra para incluir maior diversidade de participantes e testar a validade convergente e discriminante do PAQ, comparando-o com outras medidas de construtos relevantes, como depressão, ansiedade, estresse, regulação e reatividade emocional. Sugere-se que o desempenho da escala seja também investigado em amostras clínicas, a fim de fornecer *insights* adicionais sobre seu uso em contextos com diferentes populações.

A adaptação do PAQ para o Brasil pode representar um avanço na avaliação da alexitimia e das competências socioemocionais no país, proporcionando melhor compreensão do construto e de sua relação com a saúde mental. Em suma, a versão brasileira da escala demonstrou boas propriedades psicométricas nesta amostra inicial, fornecendo suporte para sua utilização em pesquisas acadêmicas e aplicações clínicas. Futuras investigações devem ampliar a amostra e explorar evidências adicionais de validade para fortalecer o uso do instrumento no Brasil. Sugere-se que intervenções com a finalidade de melhorar indicadores de saúde mental entre estudantes universitários levem a variável alexitimia em consideração, uma vez que ela afeta diretamente o funcionamento interpessoal, as respostas de enfrentamento e a qualidade de vida dos indivíduos (Akram; Arshad, 2022).

Referências

- ALPAY, P.; KOCSEL, N.; GALAMBOS, A., *et al.* The relationship between alexithymia, rumination and binge drinking among university students. **Personality and Individual Differences**, v. 223, p. 112621, 2024.
- BAGBY, R. M.; TAYLOR, G. J.; PARKER, J. D. A. The twenty-item Toronto Alexithymia Scale—II: convergent, discriminant, and concurrent validity. **Journal of Psychosomatic Research**, v. 38, n. 1, p. 33-40, jan. 1994.
- BECERRA, R.; BAEZA, C. G.; FERNANDEZ, A. M., *et al.* Assessing alexithymia: psychometric properties of the Perth Alexithymia Questionnaire in a Spanish-speaking sample. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, 12 out. 2021.
- BILGE, Y.; BILGE, Y. The measurement of Attention-Appraisal Model of Alexithymia: psychometric properties of the Perth Alexithymia Questionnaire in Turkish. **Anatolian Journal of Psychiatry**, v. 21, p. 71, 2020.
- BORSA, J. C.; DAMÁSIO, B. F.; BANDEIRA, D. R. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. **Paidéia**, v. 22, n. 53, p. 423-432, 2012.
- BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for applied research**. 2. ed. New York: Guilford, 2015.
- DAGHIGH, A. Beyond sleepless nights: unraveling the complexity of alexithymia and suicide risk among university students. **Brain and Behavior**, v. 14, p. e3476, 2024.
- DAMÁSIO, B. F. Mensurando habilidades socioemocionais de crianças e adolescentes: desenvolvimento e validação de uma bateria (nota técnica). **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 4, p. 2043-2050, 2017.
- FEKIH-ROMDHANE, F.; GHRISSI, F.; STAMBOULI, M. *et al.* Moderating effect of alexithymia between problem gambling and psychotic experiences in university students. **BMC Psychiatry**, v. 24, p. 19, 2024.
- FRANZOI, I. G.; SAUTA, M. D.; GRANIERI, A. State and trait anxiety among university students: a moderated mediation model of negative affectivity, alexithymia, and housing conditions. **Frontiers in Psychology**, v. 11, p. 1255, 2020.
- GREENE, D.; HASKING, P.; BOYES, M.; PREECE, D. Measurement invariance of two measures of alexithymia in students who do and who do not engage in non-suicidal self-injury and risky drinking. **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, v. 42, n. 4, p. 808-825, 2020.
- GROSS, J. J. Emotion regulation: current status and future prospects. **Psychological Inquiry**, v. 26, n. 1, p. 1-26, 2015.
- HEMMING, L.; TAYLOR, P.; HADDOCK, G.; SHAW, J.; PRATT, D. A systematic review and meta-analysis of the association between alexithymia and suicide ideation and behaviour. **Journal of Affective Disorders**, v. 254, p. 34-48, 2019.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. **Contributions to statistical analysis: the coefficients of proportional variance, content validity and Kappa**. Mérida: Universidad de Los Andes, 2002.

INTERNATIONAL TEST COMMISSION. **International Test Commission guidelines for translating and adapting tests (second edition)**. 2017.

KENNY, D. A.; KANISKAN, B.; McCOACH, D. B. The performance of RMSEA in models with small degrees of freedom. **Sociological Methods & Research**, v. 44, n. 3, p. 486-507, 2014.

KINNAIRD, E.; STEWART, C.; TCHANTURIA, K. Investigating alexithymia in autism: a systematic review and meta-analysis. **European Psychiatry**, v. 55, p. 80-89, 2019.

LARIONOW, P.; PREECE, D. A.; MUDŁO-GLĄGOLSKA, K. Assessing alexithymia across negative and positive emotions: psychometric properties of the Polish version of the Perth Alexithymia Questionnaire. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, p. 1-10, 2022.

LASHKARI, A.; DEHGHANI, M.; SADEGHI-FIROOZABADI, V.; HEIDARI, M.; KHATIBI, A. Further support for the psychometric properties of the Farsi version of Perth Alexithymia Questionnaire. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 657-660, 2021.

LEWEKE, F.; BAUSCH, S.; LEICHSENRING, F.; WALTER, B.; STINGL, M. Alexithymia as a predictor of outcome of psychodynamically oriented inpatient treatment. **Psychotherapy Research**, v. 19, p. 323-331, 2009.

LI, L.; NIU, Z.; GRIFFITHS, M. D.; WANG, W.; CHANG, C.; MEI, S. A network perspective on the relationship between gaming disorder, depression, alexithymia, boredom, and loneliness among a sample of Chinese university students. **Technology in Society**, v. 67, 2021.

LUO, H.; ZHAO, Y.; HONG, J.; WANG, H.; ZHANG, X.; TAN, S. Effect of alexithymia on internet addiction among college students: the mediating role of metacognition beliefs. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 2022.

LUONG, R.; FLAKE, J. K. Measurement invariance testing using confirmatory factor analysis and alignment optimization: A tutorial for transparent analysis planning and reporting. **Psychological Methods**, v. 28, p. 905-924, 2022.

LYVERS, M.; HOLLOWAY, N.; NEEDHAM, K.; THORBERG, F. A. Resilience, alexithymia, and university stress in relation to anxiety and problematic alcohol use among female university students. **Australian Journal of Psychology**, v. 72, n. 1, p. 59-67, 2020.

MOUSAVI ASL, E.; MAHAKI, B.; KHANJANI, S.; MOHAMMADIAN, Y. The assessment of alexithymia across positive and negative emotions: the psychometric properties of the Iranian version of the Perth Alexithymia Questionnaire. **Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences**, v. 14, 2020.

NEMIAH, J. C.; SIFNEOS, P. E. Psychosomatic illness: a problem in communication. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 18, p. 154-160, 1970.

- NORMAN, H.; OSKIS, A.; MARZANO, L.; COULSON, M. The relationship between self-harm and alexithymia: a systematic review and meta-analysis. **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 61, p. 855-876, 2020.
- NORONHA, A. P. P.; BATISTA, H. H. V. Relações entre forças de caráter e autorregulação emocional em universitários brasileiros. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 29, p. 73-86, 2020.
- OLIVEIRA, C. M.; NUERNBERG, A. H.; NUNES, C. H. S. S. Desenho universal e avaliação psicológica na perspectiva dos direitos humanos. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 3, p. 421-428, 2013.
- PREECE, D. A.; BECERRA, R.; ALLAN, A.; ROBINSON, K.; CHEN, W.; HASKING, P.; GROSS, J. Assessing alexithymia: psychometric properties of the Perth Alexithymia Questionnaire and 20-item Toronto Alexithymia Scale in United States adults. **Personality and Individual Differences**, v. 166, 2020.
- PREECE, D. A.; BECERRA, R.; BOYES, M. E.; NORTHCOTT, C.; MCGILLIVRAY, L.; HASKING, P. A. Do self-report measures of alexithymia measure alexithymia or general psychological distress? A factor analytic examination across five samples. **Personality and Individual Differences**, v. 155, 2020.
- PREECE, D.; BECERRA, R.; ROBINSON, K.; DANDY, J.; ALLAN, A. The psychometric assessment of alexithymia: development and validation of the Perth Alexithymia Questionnaire. **Personality and Individual Differences**, v. 132, p. 32-44, 2018.
- PREECE, D. A.; GROSS, J. J. Conceptualizing alexithymia. **Personality and Individual Differences**, v. 215, 2023.
- PREECE, D. A.; MEHTA, A.; BECERRA, R.; CHEN, W.; ALLAN, A.; ROBINSON, K.; BOYES, M.; HASKING, P.; GROSS, J. Why is alexithymia a risk factor for affective disorder symptoms? The role of emotion regulation. **Journal of Affective Disorders**, v. 296, p. 337-341, 2022.
- PREECE, D. A.; MEHTA, A.; PETROVA, K.; SIKKA, P.; PEMBERTON, E.; GROSS, J. J. Alexithymia profiles and depression, anxiety, and stress. **Journal of Affective Disorders**, v. 357, p. 116-125, 2024.
- SANTOS, C. G. R.; ZANETTI, M. C.; NEVES, A. N. Validação psicométrica da Toronto Alexithymia Scale - 20 em uma amostra de referência de atletas brasileiros. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 12, n. 2, 2022.
- SETHI, S. An empirical study: self-criticism, rumination response style and alexithymia traits in young adults. **Current Psychology**, v. 43, p. 10281-10291, 2024.
- SOUZA, R. F.; FAIAD, C. F.; RUEDA, F. J. M. Construction and validity evidence of a socioemotional skills scale for university students. **Avaliação Psicológica**, v. 20, n. 4, p. 445-454, 2021.

WILLIAMS, Z. J.; EVERAERT, J.; GOTHAM, K. O. Measuring depression in autistic adults: psychometric validation of the Beck Depression Inventory-II. **Assessment**, v. 28, n. 3, p. 858-876.

Enviado em: 16/02/2025

Corrigido em: 18/06/2025

Aprovado em: 07/07/2025